

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE À LUZ DE PREBISCH

Roberta Bueno¹
Jessé Gomes Ferreira²

RESUMO

A análise acerca do comércio internacional preocupou inúmeros estudiosos ao longo do tempo. Para tanto, basta olhar estudos de economistas clássicos para se encontrar menção ao tema já no século XVIII, como é o caso de nomes como o de Adam Smith e David Ricardo, além de Raul Prebisch, nomes importantes que contribuem para compreender melhor o comércio internacional, a partir de suas teorias. Considera-se pertinente neste estudo, explorar o tema sobre como tem se comportado a balança comercial brasileira nos últimos anos, observando como tem se configurando, em especial, sua pauta exportadora. Analisando este cenário em relação à crítica às vantagens comparativas, feita por Raul Prebisch, que foi considerado um dos maiores economistas da América Latina. Assim, delimita-se como questão central deste estudo, o seguinte problema: como tem se constituído a balança comercial brasileira, especialmente, a pauta exportadora no cenário atual? Sendo o objetivo geral da pesquisa, analisar o desempenho da balança comercial brasileira, nos últimos anos, a partir da relação deste cenário à crítica às vantagens comparativas feitas por Prebisch. Então, confirma-se o pensamento de Prebisch, ao criticar a teoria vigente no comércio internacional, considerando-a adequada a apenas algumas realidades, ou melhor explicando, sendo perfeita para que os negócios ficassem centralizados nos países do centro, aqueles desenvolvidos, servindo à concentração de renda das economias centrais e sendo maléfica aos subdesenvolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: exportações, balança comercial e comércio internacional.

ABSTRACT

The analysis on the concerned international trade numerous researchers over time. To do so, just look at studies of classical economists to find mention of the topic already in the eighteenth century, as in the case of names such as Adam Smith and David Ricardo, and Raul Prebisch, important names contributing to better understand international trade from their theories. Considered appropriate in this study, to explore the theme has behaved on the Brazilian trade balance in recent years, noting how it has shaped up, especially its export basket. Analyzing this scenario in relation to criticism of comparative advantages, taken by Raul Prebisch, who was considered one of the greatest economists in Latin America. Thus, it defines as the central question of this study, the following problem: how has constituted the Brazilian trade balance, especially the export basket in the current scenario? As the general objective of the research, analyzing the performance of Brazil's trade balance, in recent years, from the relationship of this scenario to critique the comparative advantages made by Prebisch. So, it confirms the thought of Prebisch, in criticizing the current theory in international trade, considering the proper just some realities, or better explaining, perfect for businesses stay centered in the core countries, those developed, serving the concentration of income economies of central and malevolent being underdeveloped.

KEYWORDS: exports, trade balance and international trade.

¹ Orientanda do Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis, pela Faculdade Vale do Salgado – FVS;

² Orientador do Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis, pela Faculdade Vale do Salgado – FVS.

INTRODUÇÃO

A análise acerca do comércio internacional preocupou inúmeros estudiosos ao longo do tempo. Para tanto, basta olhar estudos de economistas clássicos para se encontrar menção ao tema já no século XVIII, como é o caso de nomes como o de Adam Smith e David Ricardo, além de Raul Prebisch, nomes importantes que contribuem para compreender melhor o comércio internacional, a partir de suas teorias.

E, nesse cenário de discussões, o tema relacionado a importações e exportações tem ganhado cada vez mais relevância, principalmente, porque representa influência significativa no que diz respeito à situação econômica de uma nação.

Neste aspecto, a balança comercial, termo utilizado para representar a importação e exportação de bens entre países, funciona como um dos termômetros da economia, quando se tem, por exemplo, avaliações favoráveis ou não, de acordo com o seu desenvolvimento, pontuando-se que a exportação representa um fator positivo. Isso porque a partir do fluxo de exportações, tem-se o delineamento de uma situação favorável, já que implica em entrada de recursos, atraindo investidores e contribuindo para a geração de mais emprego e renda.

É por isso que aqueles países que mais atraem moedas estrangeiras, comercializando seus produtos e serviços, apresentam uma situação econômica privilegiada, comparando-os àqueles países cujo fluxo maior é de importações.

A recente crise financeira mundial começou nos Estados Unidos, abalando a economia de outras nações. Apesar de ter sido deflagrada em 2008, pelo menos com efeitos mais devastadores, foi a partir de dezembro 2007 que se oficializava a recessão nos Estados Unidos.

No Brasil, os reflexos da crise foram menores, porque o país já contava com um sistema financeiro mais rigoroso, apresentando elevada taxa de compulsórios – que vem a serem os depósitos que os bancos mantêm obrigatoriamente, junto ao Banco Central - em razão de crises vividas anteriormente, como as mudanças de planos econômicos e de moedas.

Entretanto, a economia brasileira não ficou ileso, porque a recessão nos EUA e em países da Europa de certa forma reduziu a demanda por produtos brasileiros. Uma queda na venda de mercadorias para o exterior causa perdas aos

exportadores e diminui suas receitas. Além disso, a tendência é que países como os EUA e Espanha, que chegaram a entrar em recessão, em momentos de crise invistam menos em empresas no Brasil.

Assim, considera-se pertinente neste estudo, explorar o tema sobre como tem se comportado a balança comercial brasileira nos últimos anos, observando como tem se configurando, em especial, sua pauta exportadora. Analisando este cenário em relação à crítica às vantagens comparativas, feita por Raul Prebisch, que foi considerado um dos maiores economistas da América Latina.

Assim, delimita-se como questão central deste estudo, o seguinte problema: como tem se constituído a balança comercial brasileira, especialmente, a pauta exportadora no cenário atual? Sendo o objetivo geral da pesquisa, analisar o desempenho da balança comercial brasileira, nos últimos anos, a partir da relação deste cenário à crítica às vantagens comparativas feitas por Prebisch.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2. 1 As ideias de Adam Smith, David Ricardo e Raul Prebisch

A escola clássica do pensamento econômico tem na obra “A Riqueza das Nações” de Adam Smith, lançada em 1776, a referência inicial desse pensamento. Nesse sentido, vê-se que Smith defendia os ideais do liberalismo dentro da Economia e a importância da livre concorrência, deixando livres as forças de mercado ativando os anseios da sociedade tanto na produção quanto na qualidade dos produtos ofertados e até mesmo no preço destes.

Smith demonstrou através de sua obra que a intervenção do Estado na Economia, deveria ser a mínima possível. Somente desta forma o mercado produziria bens na quantidade e no preço que a própria sociedade espera. Para Smith, intervenção direta do Estado na Economia acarretaria na redução do bem estar social. Porém, para Nunes (2005, p. 35) Smith é considerado o ‘pai’ da doutrina do estado mínimo e é muitas vezes invocado, nesta qualidade paternal, para justificar as propostas dos neoliberais dos nossos dias.

Em sua obra A Riqueza das Nações, Smith (1996, p. 74) apresenta que:

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro e do padeiro que esperamos o nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelos próprios interesses. Apelamos não à humanidade, mas ao amor-próprio, e nunca falamos de nossas necessidades, mas das vantagens que eles podem obter.

O governo não deveria intervir no comércio, pois para o mercado revelar-se eficiente na alocação de recursos, ele escreveu, de forma que seria necessário que a sociedade, haja vista que este conseguiu aperceber-se de algumas diferenças fundamentais: por um lado, no que diz a respeito da agricultura, deu-se conta de que os rendeiros (capitalistas) arrecadavam um rendimento que não era um salário; por outro lado, conseguiu compreender que este lucro capitalista não se confinava à agricultura: o lucro surgia agora de forma clara na indústria, atividade em que o capital vinha encontrando o seu mais amplo campo de aplicação.

Smith defende que todo indivíduo está continuamente empenhado em descobrir os mais vantajosos empregos para os capitais sob seu comando. É o próprio lucro que ele tem em vista, e não o da sociedade. Porém, ao examinar o que melhor lhe convém, ele acaba preferindo aquele emprego que é mais vantajoso para a sociedade (MAUAD, 2008).

Mauad (2008) explica que neste pensamento de Smith, está o verdadeiro sentido da mão invisível, ou seja, que é pela procura constante de seus próprios interesses que o empreendedor promove o interesse geral da sociedade, e não pela sua bondade. O contexto da mão invisível não tem, portanto, qualquer tradução de falta de planejamento, execução ou controle administrativo.

Robbins (2000) relata que Adam Smith, analisando a divisão do trabalho e sua relação com o comércio, via na primeira, além dos ganhos do comércio, os benefícios de crescimento entre os países. O comércio estimula essa divisão, que permite intensificar a eficiência na produção. Ao mesmo tempo, a competição internacional estimula os ganhos de eficiência.

Esta idéia de Adam Smith, denominada Teoria das Vantagens Absolutas, foi reformulada por aquele considerado o grande sucesso de Smith, David Ricardo, considerado um dos economistas mais importantes da Grã-Bretanha. Assim, conforme explica Rodrigues (2009, p. 13):

No século XIX, o inglês David Ricardo concordou com a ideia de Smith de que o comércio internacional seria realizado devido à diferença de produtividade entre os países. No entanto, ele observou que as trocas se dariam não somente do país mais produtivo para o menos produtivo

David Ricardo teve grande importância para o desenvolvimento da ciência econômica, destacando-se a teoria das vantagens comparativas, base essencial para o desenvolvimento do comércio internacional, na qual defendia que os países poderiam manter um livre comércio mesmo com diferenças econômicas, preferencialmente sem barreiras e restrições, devendo se especializar no que produzissem de melhor. Assim haveria um crescimento mundial da economia, uma troca em que todos se beneficiariam.

O economista argentino, Raul Prebisch, foi um dos primeiros a criticar a teoria das vantagens comparativas. Para ele, conforme se explica abaixo:

Mesmo havendo uma expansão no consumo de produtos básicos, o que aumentaria as receitas nas exportações e melhoraria os números de comércio dos países exportadores, os ganhos obtidos com as divisas geradas pela exportação não geravam externalidades positivas para o desenvolvimento econômico (PREBISCH apud BRANCO, 2013, p. 101)

Para Prebisch, os países desenvolvidos industrializados desenvolvem um capital forte de economia sustentável capaz de ditar as novas regras de mercado para os países em desenvolvimento, o processo tecnológico tem alta influência gerando grandes oportunidades de giro de capital e enriquecimento econômico e soberano, já os subdesenvolvidos possuem uma economia voltada para agricultura que não dispõe de recursos por se tratar uma economia considerada vulnerável seja porque dependem de outros fatores inclusive os recursos naturais.

Conforme Prebisch os termos de troca de produtos primários se deterioram, no período, ou seja, é necessário aumentar sua exportação de produtos primários, para ter acesso à mesma quantidade de produtos industrializados, a razão disso é que os preços dos produtos industrializados não declinam com o progresso técnico, ou declinam menos que os preços dos produtos primários.

Em seu entender, nas economias mais avançadas, os fatores de produção absorveriam os ganhos de produtividade através do aumento de suas remunerações. Esse mecanismo é explicado em função dos ciclos econômicos e da resistência maior nos países avançados. Essa diferença no mercado de trabalho faz com que os países industrializados retenham os benefícios da inovação tecnológica, bem como se apropriem de parte dos eventuais progressos técnicos que surjam nos países menos desenvolvidos. A solução proposta por Prebisch é induzir os países periféricos à industrialização, com o apoio do Estado para fortalecer o mercado e todos possam participar do fortalecimento da economia. Por outro lado o comércio

“desleal” distorce a estrutura das vantagens comparativas e, conseqüentemente, as relações de troca entre os países. Desse ponto de vista, se justificaria a prática de políticas defensivas contra a prática de *dumping*, por meio de medidas *anti-dumping* (BRANCO, 2013).

2.2 O Brasil no cenário do comércio internacional

Observando a crítica de Prebisch e fazendo a relação com a situação brasileira, para Cunha (2011, p. 418):

O Brasil tende a perder vantagens comparativas em setores de maior intensidade tecnológica. o Brasil é mais competitivo nos setores de produtos primários e intensivos em recursos naturais e em baixa tecnologia, sendo menos competitivo nos setores de média e alta tecnologia

O Brasil se encaixa numa economia instável para o mundo globalizado e capitalista que visa custo e mão de obra de baixo preço, por se tratar de um país considerado emergente economicamente com base no mercado agrícola. Através das últimas décadas vem tentando manter um processo de consolidação do comércio exterior.

No documento do Ministério do Comércio Exterior (BRASIL, 2013), encontra-se o ranking mundial de países importadores e exportadores, calculados em US\$ bilhões. Abaixo, tem-se a relação dos 10 países que apresentaram maior crescimento em suas importações de janeiro a setembro de 2012:

Tabela 1. Lista de países com maior crescimento nas importações para o ano de 2012 (janeiro a setembro)

Ranking	Países	Valor (US\$ bilhões)
1º.	Estados Unidos	1.750,7
2º.	China	1.346,5
3º.	Japão	668,9
4º.	Rússia	245,6
5º.	Vietnã	99,03
6º.	Venezuela	46,0
7º.	Arábia Saudita	111,6
8º.	Índia	361,0
9º.	Emirados Árabes Unidos	174,5
10º	Austrália	205,1

Fonte: Ministério do Comércio Exterior (BRASIL, 2013)

Conforme o mesmo documento, o Brasil posicionou-se no 27º lugar entre os países cujas importações mais cresceram no período sob análise. Conforme dados do MDIC/SECEX/Aliceweb, as importações brasileiras em 2011 e 2012, janeiro-dezembro, diminuíram cerca de US\$ 3 bilhões, ou seja, 1,4% (BRASIL, 2013, p. 04). Já na tabela abaixo, tem-se os países cujas exportações mais aumentaram em 2012:

Tabela 2. Lista de países com maior crescimento nas exportações para o ano de 2012 (janeiro a setembro)

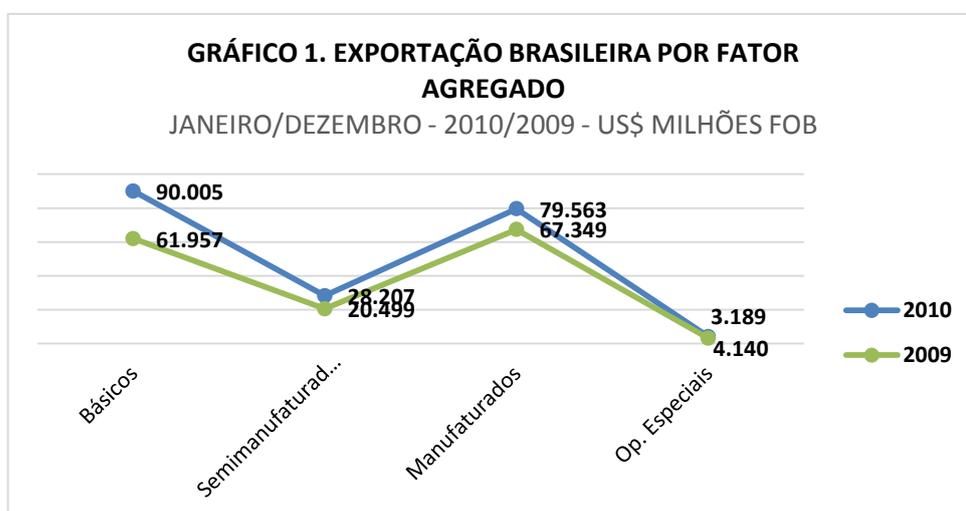
Ranking	Países	Valor (US\$ bilhões)
1º.	China	1.497,3
2º.	Estados Unidos	1.152,0
3º.	Arábia Saudita	274,3
4º.	Rússia	391,9
5º.	Líbia	37,8
6º.	Costa Rica	25,8
7º.	Vietnã	82,9
8º.	Kuaite	78,2
9º.	Catar	93,5
10º.	Turquia	113,0

Fonte: Ministério do Comércio Exterior (BRASIL, 2013)

O Brasil posicionou-se no 13º lugar entre os países cujas exportações mais cresceram no período sob análise. O documento do Ministério do Comércio Exterior mostra ainda que as exportações brasileiras em 2011 e 2012, janeiro-dezembro, diminuíram US\$ 13 bilhões, 5,3% (BRASIL, 2013, p. 06).

Com base somente no ano de 2012, os principais produtos exportados pelo Brasil, foram minério de ferro, ferro fundido e aço; óleos brutos de petróleo; soja e derivados; automóveis; açúcar de cana; aviões; carne bovina; café e carne de frango. Entre as importações, os principais produtos foram: petróleo bruto; circuitos eletrônicos; transmissores/receptores; peças para veículos, medicamentos; automóveis, óleos combustíveis; gás natural, equipamentos elétricos e motores para aviação.

Em uma reportagem de Oswald (2012), vê-se algumas mudanças representativas no que se refere ao desempenho do Brasil, nesta década, principalmente, em relação às exportações e seus destinos. Assim, referindo-se ao período de 2000 a 2011, a reportagem informa que não mudou somente o modelo das exportações brasileiras, mas, também, o perfil de seus compradores. Se em 2000 o país vendia às nações desenvolvidas 62,5% da pauta, esse número caiu para 42,1% no ano passado. Liderados pela China, os países em desenvolvimento agora são os maiores importadores de produtos brasileiros e ficam com nada menos que 57,9% do total, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento.



Fonte: SECEX/MDIC (2013)

Deve-se observar do gráfico acima que na categoria de produtos básicos, para o ano de 2010, o crescimento dos seguintes produtos: minério de manganês, minério de ferro, minério de cobre, minério de alumínio, milho em grãos, petróleo em bruto, bovinos, café cru em grão, carne bovina e algodão em bruto. Dentre os produtos semimanufaturados, os destaques no desempenho das vendas externas foram: açúcar em bruto, couros e peles, ferro-ligas, celulose, produtos semimanufaturados de ferro ou aço e borracha sintética e artificial. Quanto aos produtos manufaturados exportados, destacam-se os acréscimos nas vendas de: veículos e materiais para vias férreas, máquinas e aparelhos para terraplanagem, motores para veículos, veículos de carga, partes de motores para veículos, tratores entre outros.

E embora o setor industrial, compreendendo a soma de bens manufaturados e semimanufaturados, apresente uma soma maior que a de bens agrícolas, porém, identifica-se que a categoria de produtos primários apresenta valor principal valor da pauta exportadora. Evidencia-se ainda que o setor industrial, embora tenha crescido, inegavelmente ao longo do tempo, ainda possui amplo potencial de crescimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o comércio internacional foi visto que houve preocupação de inúmeros estudiosos no decorrer dos tempos com relação à forma de estratégica de propulsão e alargamento do comércio e da economia mundial. Nos primórdios do século XVIII as teorias mostram que o comércio internacional passou por profundas transformações tanto na teoria como na prática então diante disso, este crescimento teve por finalidade não só a discussão, bem como a acuidade de relacionar o quanto as importações e exportações avançaram com satisfação, sobretudo, no que importa à situação econômica de uma nação.

Segundo os grandes pensadores da economia, Smith demonstrou através de sua teoria que o estado deveria intervir o mínimo, e desta maneira o mercado determinaria os bens na quantidade e no preço que a própria sociedade espera. Para Smith, intervenção direta do Estado na Economia acarretaria na redução do bem estar social.

Conforme David Ricardo sua contribuição foi com a importância do desenvolvimento da ciência econômica, sobressaindo a teoria das vantagens comparativas, base essencial para o empoderamento da economia internacional, na qual ele afirmava que os países poderiam manter um livre comércio mesmo com diferenças econômicas, as nações menos fortalecidas economicamente poderiam concorrer neste sistema econômico, mas Para Prebisch, os países tidos como industrializados geram um capital fortalecido com uma de economia sustentável capaz e passam a gerir com novas regras de mercado sobre os países emergentes, a tecnologia teve grande influencia e proporcionou novas oportunidades para movimentar o capital. Dessa maneira o enriquecimento econômico e dominador, já direciona o subdesenvolvimento dos países principalmente com economia haja vista tida como fragilizada porque dependem de outros fatores inclusive os recursos naturais.

Com o fortalecimento do capitalismo e neoliberalismo o Brasil se encaixa dentro de uma economia vulnerável, sem condições de cumprir com exigências do mercado capitalista e tendo grandes dificuldades de alcançar méritos no ranking mundial do comércio das exportações, mediante a teoria das vantagens e desvantagens, sob o peso do capitalismo fica claro que necessita de fortalecer e potencializar seus produtos para superação das vulnerabilidades econômicas do capital do giro do mercado.

Observando a teoria das vantagens comparativas, percebe-se que em um setor como, por exemplo, o tecnológico, o Brasil tem desvantagem, sendo sua força comercial mais forte em produtos primários.

Então, confirma-se o pensamento de Prebisch, ao criticar a teoria vigente no comércio internacional, considerando-a adequada a apenas algumas realidades, ou melhor, explicando, sendo perfeita para que os negócios ficassem centralizados nos países do centro, aqueles desenvolvidos, servindo à concentração de renda das economias centrais e sendo maléfica aos subdesenvolvidos.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Rodrigo dos Santos. Raul Prebisch e o movimento econômico brasileiro recente liderado por commodities. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 01, jan/abr 2013, p. 197-21.

BRASIL. **Comércio Exterior Mundial**: Principais importadores / exportadores e principais crescimentos nas importações / exportações 2012(jan-set). MRE/DPR/DIC, jan/2013

CUNHA, André Moreira; BICHARA, Julimar da Silva; MONSUETO, Sandro Eduardo; LELIS, Marcos Tadeu Caputi. Impactos da ascensão da China sobre a economia brasileira: comércio e convergência cíclica. **Rev. econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, Dec. 2011.

MAUD, Luís. **A mão invisível e o espírito animal**. Publicado em 30 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.midiasemmascara.org>. Acesso em 04/12/2013.

NUNES, Antônio José Avelãs. A filosofia social de Adam Smith. **Prima Facie Internacional Journal**, v. 4. N. 6. 2005.

OSWALD, Vivian. Brasil exporta mais para emergentes do que para ricos. **Jornal O Globo**, Caderno Economia, 06/01/2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/brasil-exporta-mais-para-emergentes-do-que-para-ricos-3590974>. Acesso em: 07/12/2013.

RODRIGUES, Bruno Alencar. **Pensamento liberal**: da vantagem absoluta à competitiva. Dissertação (Mestrado) Desenvolvimento e Planejamento Territorial, Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2009.

ROBBINS, Lionel. *A History of Economic Thought: the LSE lectures*. Princeton: Princeton University Press. 2000 .In: SARQUIS, José Buanani. **Comércio Internacional e Crescimento Econômico no Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

SARQUIS, José Buanani. **Comércio Internacional e Crescimento Econômico no Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR, DO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Estatísticas Brasileiras de Exportações e Importações**. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>> Acessado em 14 de jun. 2013.